

Professor desvenda mistério do roubo das seringueiras

Ricardo Lessa

Ao lado do Boto Tucuxi, de Galvez, o imperador do Acre, das amazonas e do Eldorado, a figura de um inglês de bigodes brancos integrou-se à vasta mitologia amazônica. Sir Henry Wickham, passando-se por colecionador de orquídeas, teria sorrateiramente contrabandeado sementes de seringueira para a Malásia, no século passado, dando origem às plantações organizadas, que acabaram superando a borracha nativa brasileira, provocando a decadência da região.

Sobre Wickham recai um ódio atávico dos habitantes da Amazônia envolvidos com a borracha, que o culpam pessoalmente pela derrocada da economia da borracha e o identificam como o testa-de-ferro de uma grande conspiração internacional contra o Brasil. Até hoje, porém, nenhum historiador tinha se dado ao trabalho de checar se a história era verdadeira ou não, e quais seus detalhes.

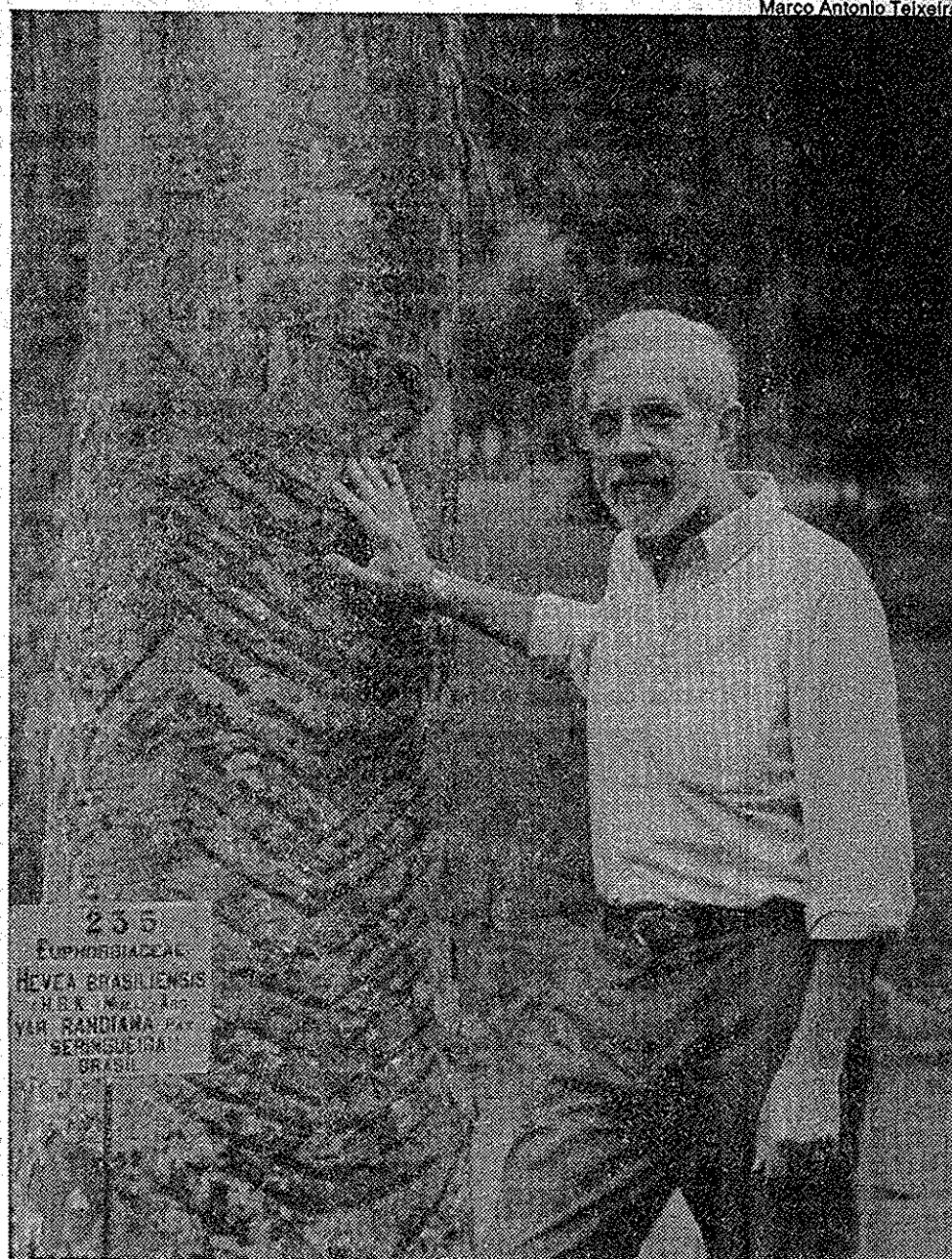
Toda essa trama de intriga e mistério, que já completou um século, foi desvendada agora pelo professor Warren Dean, da Universidade de Nova Iorque, que pesquisou os arquivos do Jardim Botânico de Kew, em Londres, e da Companhia das Índias, entre outros, e conseguiu rastrear os caminhos percorridos pelas sementes da Amazônia até os seringais do Oriente, passando por Londres.

Os estudos de Warren Dean estão sendo publicados pela Editora Nobel, de São Paulo, no livro *A luta pela borracha: um estudo de história ecológica* e já foram editados nos Estados Unidos e na Inglaterra pela Universidade de Cambridge. Ele traça um perfil de Wickham — através das cartas que trocou com os diretores do Jardim Botânico de Kew e com o cônsul inglês em Belém — e revela mais um aventureiro que um perverso gênio do mal.

Comércio de sementes — O livro mostra, porém, que foi o próprio Wickham quem se encarregou de alimentar a atmosfera de mistério que envolvia o transporte das 70 mil sementes que saíram do Brasil para a Inglaterra, para valorizar seu trabalho, já que precisava de dinheiro — seus negócios no Brasil iam mal — e ele pretendia se mudar, como de fato fez. Não havia, então, em 1876, qualquer lei que proibisse a saída de sementes de seringueira do país, tanto que ele já havia enviado sementes pelo correio, para os botânicos de Kew, e elas chegaram perfeitas. Além de Wickham, outros levaram sementes do Brasil. As sementes eram objeto mesmo de trocas comerciais e algumas plantações já se estabeleciam na Ásia, independentemente da iniciativa do governo britânico.

O professor mostra também que outros vilões, mais poderosos que Wickham, entraram em cena para derrubar a economia amazônica, baseada nos seringais nativos. O pior deles, um microscópico fungo, batizado inicialmente de *Dothidella Ulei*, e hoje conhecido por *Microcyclus Ulei*, ou mais comumente por mal das folhas: uma doença que ataca de forma violenta as folhas das seringueiras brasileiras, deixando-as nuas, anos depois de plantadas fora da selva e agrupadas de forma homogênea e organizada.

Até hoje, mais de 100 anos depois que se começou a tentar plantações de seringais no Brasil, não se conseguiu uma arma eficiente contra o *Microcyclus*. Esse fato — aliado ao tradicionalismo dos exploradores da borracha nativa, que resistiram por quase todo esse tempo às tentativas de plantios organizados, temendo o enfraquecimento de seu poder — explica melhor a decadência dos seringais do que o ato isolado de um aventureiro inglês.



Dean contribui para o estudo da história brasileira há 26 anos

Dean mostra também em seu livro que, mais do que tomar um mercado cativo da borracha amazônica, os países asiáticos ocuparam o mercado mundial, que no início do século se expandia vertiginosamente, através de preços mais baixos, conseguidos pelo cultivo racional e pelos salários mais baixos pagos aos orientais.

O que se observa é que, mesmo se Wickham não tivesse levado as sementes para a Inglaterra, a Amazônia não conseguiria abastecer o mercado em expansão. Prova disso é que todo o esforço feito durante a Segunda Guerra Mundial para produção extra — a transferência de nordestinos para a Amazônia, os soldados da borracha — não conseguiu arrancar mais que 30 mil toneladas dos seringais amazônicos, enquanto só os Estados Unidos já consumiam 50 mil toneladas anuais.

Outro mito que Warren Dean demole é o da inércia dos pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que trabalhavam no Brasil, em relação ao *Microcyclus*. Na verdade, o esforço até os dias de hoje vem sendo grande, mas, como todas as iniciativas que partem do governo, sofreram várias interrupções ou "descontinuidades administrativas", no jargão da burocracia. Mesmo os ingleses, holandeses, americanos e franceses que controlam os seringais da Ásia morrem de medo do mal das folhas. Qualquer brasileiro que vai ao Ceilão, Malásia, Cingapura ou Java é obrigado a passar três dias em quarentena, para evitar que leve o fungo para as plantações de seringueira.

Warren Dean: fazendo a história ambiental

O professor Warren Dean, do Departamento de História da Universidade de Nova Iorque, tem 56 anos e veio ao Brasil pela primeira vez em 1963, para estudar a industrialização de São Paulo. Daí surgiu seu primeiro livro editado no Brasil, pela Difel. Depois começou a estudar o sistema brasileiro de plantações de café, na região de Rio Claro (SP), que havia testemunhado a transição de trabalho livre para trabalho escravo. O resultado dessa pesquisa foi um novo livro, *Rio Claro, um sistema brasileiro de grande lavoura*, lançado pela Paz e Terra, no Brasil, e pela Stanford University Press, nos Estados Unidos.

Em 1980 ele voltou ao Brasil para estudar o processo histórico de destruição da Mata Atlântica. Nessa época, começou a se perguntar: "Por que o Brasil nunca reagiu ao avanço da borracha asiática?" Começou a buscar suas respostas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e foi até Londres seguindo a trilha das sementes da *hevea brasiliensis*, que tinham sido levadas para o Jardim Botânico de Kew, em Londres, e de lá para a Ásia.

Há um ano e meio publicou suas conclusões no livro *A luta pela borracha*, lançado pela Editora da Universidade de Cambridge. Agora trabalha para concluir seus estudos sobre a Mata Atlântica e espera a edição brasileira do livro sobre a borracha, prometida para o próximo mês.

A decadência econômica do Acre

O Acre é a última região do Brasil onde a economia ainda se baseia em seringais nativos. E por isso está falido. O governador federal entra todo mês com 85% da receita do estado, NCz\$ 9,5 milhões. O município de Cruzeiro do Sul, no extremo oeste do Acre, é seu maior centro de produção de borracha. Uma área bem diferente da Xapuri de Chico Mendes, onde as estradas já chegam e pecuaristas e agricultores desmataram 6% da floresta. Em Cruzeiro do Sul esse índice é inferior a 3%, mas nem por isso os seringueiros estão mais satisfeitos. E a julgar pelo que dizem os donos de seringais e de indústrias de beneficiamento de borracha, a extração de látex, em breve, estará em extinção.

Os maiores beneficiadores de borracha da região de Cruzeiro do Sul, a família Camile, que fornece 1,2 mil toneladas por ano para as fábricas de pneus, pretendem fechar sua usina. "O melhor que pode acontecer com a borracha no Acre é acabar", diz Orleir Camile, um dos diretores do grupo. Eles já entraram no ramo de beneficiamento de madeira, agricultura e pecuária.

Os herdeiros de um dos pioneiros dos seringais do Acre, Mâncio Lima, nome de cidade e defensor da autonomia da região do Alto Juruá, também tentam a sorte em outros ramos de produção. Parte dos seringais de Mâncio Lima, que foi um dos primeiros a contratar um antropólogo para contactar os índios poianauas, que habitavam a região, ironicamente foi desapropriada sem indenização pela Funai.

Se os donos de seringais e usinas de beneficiamento estão insatisfeitos, os seringueiros não ficam atrás. Eles facilmente conseguem sobreviver com o preço fixado pelo seu produto, NCz\$ 1,87 por quilo, o que resulta em NCz\$ 1.122, em média, para passar o ano inteiro, algo em torno de NCz\$ 93,50 por mês. Essa quantia, na prática, ainda se reduz, porque os produtos de consumo dos seringueiros, como leite em pó, charque, feijão e arroz são encarecidos pela viagem de três mil quilômetros ou mais, que fazem desde os centros de produção, e também pelas lucros acrescidos pelos fornecedores e donos de seringa. A saída para o seringueiro é a caça, onde ela

ainda existe, e a mandioca, que o sustenta na falta de outra coisa.

Se essa quantia é insuficiente para a sobrevivência do seringueiro, é alta em termos internacionais. A borracha beneficiada do Sri Lanka (antigo Ceilão), Java, Indonésia e Cingapura (capital da antiga Malásia) chega ao porto de Santos a um dólar (oficial) o quilo, enquanto o mesmo produto do Acre chega a São Paulo a NCz\$ 4,24, por conta dos custos de transporte e beneficiamento. Para dar competitividade à nossa borracha, o governo sobretaxa a importada e, com isso, aumenta o preço final dos produtos.

Rendimento — A razão para esse desnível de preço é simples. Enquanto no meio da floresta há uma ou duas árvores por hectare, nas plantações organizadas pode-se colocar 400. Com isso, um homem pode colher de 2 mil a 4 mil quilos de borracha por ano, enquanto o seringueiro amazônico, que começa a trabalhar à noite, andando por picadas no meio da selva, pisando em galhos e atravessando igarapés, mantém uma média de 500 a 600 quilos. Os seringais asiáticos, contam ainda com a vantagem adicional de se situarem próximos aos portos, barateando transporte e produção.

O abastecimento dos seringais do Acre ainda é feito, como no início do século, por meio de chatas, que levam três meses em viagens de Belém e Manaus. E só chegam na época de cheias. Os seringueiros tentam organizar cooperativas, para escapar a essa realidade que acaba engendrando o sistema do *barracão*, onde o seringalista, os obriga a comprar todo seu mantimento no seu armazém, por preços geralmente majorados. Mas as experiências não foram bem sucedidas, porque o investimento para colocar mercadorias nas lonjuras dos rios amazônicos é alto e o produto só é pago um ano depois, na safra da borracha, que é recolhida quando os rios enchem e as embarcações podem buscar a produção e levar outra carga de gêneros alimentícios. Esse sistema só funcionou no início do século, quando o preço da borracha era compensador, a inflação era baixa e o conto de réis tinha paridade com o dólar e o ouro.

'Mal da folha' resiste a cem anos de luta

Desde 1861, antes portanto da saída das sementes do Brasil, João Martins da Silva Coutinho já aconselhava a plantação organizada de seringueiras no Brasil como forma de enfrentar o mal das folhas, a praga que é o maior inimigo dos seringais nativos. Essas tentativas vêm sendo feitas até os dias de hoje, numa luta de mais de um século. A saída encontrada atualmente foi a plantação em regiões em que o clima inibiria a praga.

O resultado se espera para os próximos anos, com a entrada em produção de várias plantações em áreas distantes da Amazônia, chamadas áreas de escape climático. As previsões do Instituto da Borracha são que em três anos São Paulo superará a Bahia, atual detentora do primeiro lugar em produção nacional. E em poucos anos o Mato Grosso vai suplantará São Paulo. Warren Dean diz que espera para ver: "Eu não colocaria meu dinheiro nisso", brinca. Seus estudos levam a crer que o fungo é mais resistente e adaptável do que a árvore.

O professor lembra que, enquanto o Brasil ainda luta contra o mal das folhas, as planta-

ções orientais aperfeiçoam seus métodos de produção. Eles já testam facas elétricas para cortar a seringueira e até coletas mecanizadas de látex por canos plásticos que eliminariam a necessidade dos próprios seringueiros. Hoje, a produção por trabalhador na Ásia chega a 4 mil quilos, enquanto na Amazônia não chega a 1.000 e, em média, não passa de 500.

Enquanto na Malásia os produtores fazem um esforço de classificação de até 40 tipos diferentes de borracha, no Brasil ainda se luta para livrar a borracha de impurezas, já que o seringueiro, sentindo-se ludibriado por causa dos baixos preços pagos pela sua produção, costuma rechear as bolas de borracha com coquinhos, castanhas, terra e tudo que pode aumentar seu peso.

Sobretaxa — Por essas e por outras, a borracha asiática domina 90% do mercado mundial, de 5 milhões de toneladas anuais, que movimentam 7,5 bilhões de dólares. O mais grave é que o Brasil passou a importar 74% de suas necessidades para consumo. E só não importa mais porque o governo obriga os fabricantes a comprarem toda a produção nacional, por um preço três vezes maior que o da borracha importada.

Diante da competição asiática, Dean não vê qualquer razão econômica para estimular o seringal nativo, apenas razões ecológicas. "Deveriam distribuir uniformes de guardas-florestais para os seringueiros", defende. Os seringais nativos são fontes de material genético para novas plantações e devem ser defendidos por isso.